

A LÍNGUA A SERVIÇO DA MODERNIZAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DE UM IMAGINÁRIO PROGRESSISTA DE LÍNGUA NACIONAL EM EMÍLIA NO PAÍS DA GRAMÁTICA DE MONTEIRO LOBATO

Palavras-chave: Monteiro Lobato, modernização, gramática

Fabrício Falcão Ansante – IEL – UNICAMP

Prof. Dr. Alfredo César Barbosa de Melo – IEL - UNICAMP

INTRODUÇÃO

A vida e a obra do escritor paulista José Bento Monteiro Lobato (1882-1948) dialogam entre si e apontam para um mesmo norte: a busca incessante pela modernização do país. O engajamento social e político de Lobato, seu envolvimento em questões de saúde e educação, refletem diretamente em seus livros. A ele se deve a inauguração da literatura para o público infantil no Brasil, em meados de 1920 (CADEMARTORI, 1987, p.43).

Lobato acreditava na interferência em três principais eixos, que trariam êxito a seu projeto progressista de nação: a modernização da economia (via petróleo), a modernização da cultura (via promoção do livro) e a modernização da raça (via eugenia). O intelectual paulista teve fortes influências do Movimento Escola Nova, o qual conheceu através do amigo Anísio Teixeira.

As primeiras linhas de *Emília no país da gramática* revelam o modelo de escola defendido por Lobato, pragmático, a partir da experiência: “[...] por que, em vez de estarmos aqui a ouvir falar de gramática, não havemos de ir passear no País da Gramática?” (LOBATO, 1934, p.6). Dessa forma, a gramática não aparece no livro de Lobato como um objeto que se impõe normativamente aos leitores – tal como seria vista na concepção tradicional de ensino e de gramática –, mas como um objeto que se dispõe a ser analisado, visitado, burilado, pesquisado, experimentado, porque a gramática vira uma cidade a ser descoberta e explorada pelos personagens do Sítio do Pica-Pau Amarelo.

OBJETIVOS E MÉTODOS

o trabalho se desenvolveu tendo em vista os seguintes objetivos: a) Analisar a concepção pragmática de educação do Lobato, comparando-a com alguns debates que estavam surgindo em razão da emergência da Escola Nova; b) Analisar os modos como Lobato pretende tirar o neologismo e o estrangeirismo do ostracismo dos “vícios de linguagem” e colocá-los como suportes de um país que se moderniza, e precisa de novas palavras, e interagir com um mundo que está mais avançado que o Brasil e c) Associar esses dois aspectos como parte de um projeto maior de Monteiro Lobato.

Para tanto, foi realizada a leitura da obra principal – *Emília no país da Gramática* – bem como da fortuna crítica de Lobato, sendo registradas as impressões de leitura no formato de fichamentos. A partir de recortes de trechos do livro, foram tecidos comentários para evidenciar as marcas do pensamento progressista de Lobato, intrínsecos à obra e que atestam as hipóteses levantadas no projeto: Lobato defendia o pragmatismo no ensino e a modernização da língua nacional, ou ainda a construção da identidade de um falar próprio do Brasil, a partir de recursos linguísticos como neologismos e estrangeirismos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

“A língua é uma criação popular na qual ninguém manda. Quem a orienta é o uso e só ele” (LOBATO, 1934, p. 126), esse foi um dos últimos comentários do gramático Quindim, nas últimas páginas de *Emília no país da Gramática*, e ilustra perfeitamente o pensamento de Monteiro Lobato quando à língua nacional: um instrumento do povo. Para ele, a transformação sociocultural, um dos eixos de seu projeto progressista para o Brasil, se consolidaria com a construção de uma língua nacional, moderna e diferente daquela imposta pela antiga metrópole. Como haveríamos de deixar a subserviência colonial se ainda fazíamos uso da língua dos colonizadores? Para Lobato, a reforma linguística era urgente e deveria começar nas escolas:

“Eu falo aqui em nome da criança. Queremos a Ortografia Nova porque ela nos facilita a vida. Quanto menos complicações, melhor. Por isso vim cá conversar com as palavras para conhecer-lhes a opiniãozinha” (LOBATO, 1934, p. 119).

Assim, a tão sonhada mudança da língua nacional aconteceria com o auxílio de dois grandes aliados: o povo, dono da língua, e a escola, responsável pelo ensino da língua. Ao povo caberia criar e recriar, inventar e reinventar, simplificar, “reformatar” os velhos trejeitos arcaicos da língua portuguesa, para transformá-la numa língua brasileira. Às escolas, ficaria a responsabilidade de mudar o jeito de ensinar, dando espaço às práticas investigativas, à curiosidade, ao interesse próprio das crianças. A partir dessas duas intenções, Lobato trata, portanto, de delimitar o papel dos estudiosos da língua, uma vez que, para ele, estes são responsáveis apenas pelo registro das regras, mas quem as cria é o uso:

“Os gramáticos mexem e remexem com as palavras da língua e estudam o comportamento delas, xingam-nas de nomes rebarbativos, mas não podem alterá-las. Quem altera as palavras, e as faz e desfaz, e esquece umas e inventa novas, é o dono da língua - o Povo” (LOBATO, 1934, p. 45).

O primeiro passo para a que o projeto de Lobato em relação à língua “brasileira” fosse pra frente seria convencer as crianças, que para ele eram o futuro do país, da importância e da necessidade da mudança. Dessa forma, o autor vai incutindo nas falas de suas personagens – as crianças e a boneca gente – aquilo que pensava sobre a escola, o ensino e a língua.

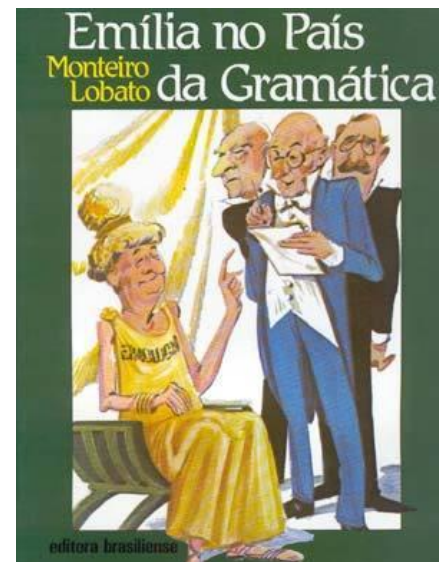


Fig. 1: Capa do Livro, disponível em: <https://i.gr-assets.com/images/S/compressed.photo.goodreads.com/books/1289071337/6173857.jpg>

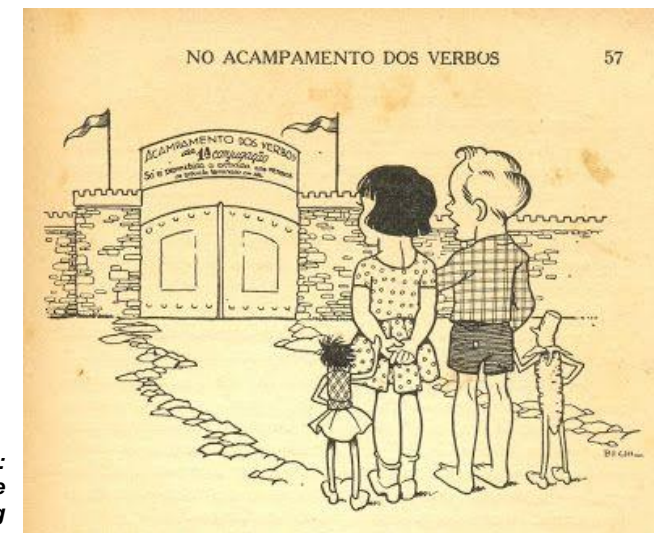


Fig. 2: Ilustração do livro, disponível em: <https://i.pinimg.com/originals/72/ae/a9/72aea9639ecdad316404a7e1538d7920.jpg>

Logo nas primeiras linhas do livro, Emília convida: “[...] por que, em vez de estarmos aqui a ouvir falar de gramática, não havemos de ir passear no País da Gramática?” (LOBATO, 1934, p.6) e as crianças demonstram um interesse imediato nessa aventura. Essa ideia de imergir no conteúdo da escola e tornar o ensino prático, Lobato absorveu do contato com o educador Anísio Teixeira (1900-1971). Teixeira havia passado uma temporada nos Estados Unidos e trazido para o Brasil uma nova proposta de educação, baseada na teoria pragmática do filósofo John Dewey. Essa “escola nova” era definida por três eixos principais: a recreação, o trabalho prático e o estudo (VERA E SILVA, 1998, p. 39).

Tendo em vista esses princípios modernos para as escolas brasileiras, considerando a prática como instrumento central do processo educacional, Monteiro Lobato vai tecendo as linhas do empolgante passeio das crianças do Sítio do Pica-Pau Amarelo no país da gramática, numa obra que, segundo Silva (2005):

“[...] não parece ser apropriada para crianças, uma vez que representa, não só todo seu desabafo contra o ensino de língua nas escolas, como também sua metalinguagem reproduzida no discurso dos personagens” (SILVA, 2005) .

As crianças, acompanhadas da boneca Emília, do Visconde de Sabugosa e do sabido rinoceronte – batizado de Quindim – percorrem cada espaço do país da gramática, visitando todas as classes e regras e não se abstendo de criticar e de propor novos jeitos de se fazer a língua. Lobato expressa, na voz de Narizinho, Pedrinho e Emília, suas insatisfações quanto às tantas regras que existem na língua portuguesa, principalmente ao se tratar do uso de palavras estrangeiras que, para ele, seriam o caminho para a modernização, ou ainda para a construção de uma língua genuinamente brasileira.

“Acho odioso isso. Assim como num país entram livremente homens de todas as raças — italianos, franceses, ingleses, russos, polacos, assim também devia ser com as palavras. Eu, se fosse ditadora, abria as portas da nossa língua a todas as palavras que quisessem entrar — e não exigia que as coitadinhas de fora andassem marcadas com os tais grifos e as tais aspás” (LOBATO, 1934, p. 17-18).

É interessante ressaltar, porém, que apesar do autor defender a presença de neologismos e estrangeirismos no português brasileiro, ele demonstra certo descontentamento

com o uso das gírias, associando-as à malandragem:

“Só a gente baixa, a molecada e a malandragem das cidades é que se lembra de mim. Gente fina, a tal que anda de automóveis e vai ao teatro, essa tem vergonha de utilizar-se dos meus serviços.” (LOBATO, 1934, p. 15).

Pode-se dizer, então, que embora defendesse o “livre trânsito” de neologismos e estrangeirismos na língua, as gírias não eram bem vistas por Lobato. Assim, embora acreditasse na modernização do vocabulário nacional a partir de novas palavras, nem todas as palavras deveriam ser aceitas. Há também certa rejeição, por parte do autor, de referências à África e suas influências no idioma do Brasil, evidente no comentário da boneca: “A história da palavra África não nos interessa.[...]” (LOBATO, 1934, p. 67).

Outro aspecto interessante presente na obra é o reconhecimento das influências indígenas na língua portuguesa, elucidado na fala de Pedrinho: “— Eu gosto muito das palavras tupis e lamento que o Brasil não tenha um nome tirado dessa língua — disse Pedrinho” (LOBATO, 1934, p 80).

O autor termina seu escrito com uma perspectiva de futuro: um Brasil moderno, a começar da língua nacional:

“Depois da tremenda revolução ortográfica da Emília, o Brasil ficou envergonhado de estar mais atrasado que uma bonequinha e resolveu aceitar as suas idéias. E o governo e as academias de letras realizaram a reforma ortográfica” (LOBATO, 1934, p. 125).

Assim, Lobato instiga a reflexão, por parte dos acadêmicos e gramáticos, para uma mudança, uma vez que até mesmo uma boneca de pano que fala estava mais “adiantada” que o Brasil. Além de brincar com o imaginário das crianças mostrando um novo modo de aprender, o autor, em Emília no país da gramática, também desafia os estudiosos a assumirem a frente do processo de modernização. Em outras palavras, Lobato escreve não somente para as crianças, seu público primeiro, mas também para convencer todos aqueles que acreditam e anseiam por um Brasil novo, moderno e progressista, de que o seu projeto é o melhor caminho para construir um futuro melhor para o país e para seu povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Emília no país da gramática nos revela aspectos importantes para a compreensão do movimento sócio-político presente no Brasil nos anos 1930 e 1940, de transformação e de construção de um ideário nacionalista. Essa obra, bem como tantas outras escritas por Lobato, faz parte de um sólido projeto progressista para o Brasil, pensado a partir da modernização da cultura, da economia e da raça.

Monteiro Lobato defende a consolidação de uma língua genuinamente brasileira, com regras repensadas e reestruturadas e adesão de novas palavras, também propõe uma nova forma de ensinar e aprender, baseada na prática, à luz dos ideais pragmáticos do movimento Escola Nova. Uma vez proposta a reforma da língua portuguesa, anos mais tarde, em 1937, Lobato publica Histórias de Tia Nastácia, em que incute sua proposta de legitimação da cultura popular do Brasil a partir da promoção do livro. Essas duas obras são centrais para o projeto de Lobato dentro do eixo de modernização da cultura.

A presente pesquisa difere-se daquelas realizadas anteriormente uma vez que busca estudar a obra não por si, mas dentro de um movimento maior em que o autor se insere e o qual ele defende durante toda a sua produção literária. Ainda há muito que se dizer de Lobato e dos valores que ele defende, assim, um próximo trabalho poderá expandir a discussão no que diz respeito à proposta do autor para a modernização da cultura, estabelecendo um diálogo entre as duas obras supracitadas.

BIBLIOGRAFIA

ALBIERI, Thaís de Mattos. A Gramática da Emília:: a língua do país de Lobato. **Monteiro Lobato, livro a livro:** (Obra Infantil), São Paulo, 2009.

_____. Lobato: a cultura gramatical em Emília no país da gramática. Dissertação de mestrado. Campinas. Universidade Estadual de Campinas, 2005.

AZEVEDO, Carmen Lúcia; CAMARGOS, Márcia. Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia. São Paulo: Senac, 1997. 256 p.

CADEMARTORI, Ligia. O que é literatura infantil. 3. ed. São Paulo, S.P.: Editora Brasiliense S.A., 1987.

CAMPOS, André Luiz Vieira de. A República do Pica Pau Amarelo. São Paulo: Martins Fontes, 1986. 174 p.

DE CARVALHO, R. O. A Construção Da Identidade Brasileira A Partir De Gilberto Freyre. Oficina do Historiador, p. 293-304, 17 out. 2014.

HAAG, Carlos. O Brasil visto do sítio. Revista Fapesp, Recife/PE, p. 253-257, maio. 2012. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2012/08/252-257_literatura.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2018.

LAJOLO, Marisa. *Linguagem na e da Literatura Infantil de Monteiro Lobato. Monteiro Lobato, livro a livro:* (Obra Infantil), São Paulo, 2009.

_____. Monteiro Lobato: Um brasileiro sob medida. São Paulo: Editora Moderna, 2000. 99 p.

LOBATO, Monteiro. A Barca de Gleyre. São Paulo: Brasiliense, 1964, 2t.

_____. Emília no País da Gramática. 3.ed. São Paulo, Globo, 2011.

RUSSEFF, Ivan. Monteiro Lobato: um intelectual no contrabando da pedagogia. Anais do II Congresso Brasileiro de História da Educação. Natal, 2002. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema4/0409.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

SANTOS, Carolina da Costa. **A gramática no país de Emília.** Rio de Janeiro: [s. n.], 2011.

SILVA, Shirley Cabarite da. Monteiro Lobato: sua relação com a escola e com os livros. Cadernos do CNLF, Volume IX, no.07. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: < <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/7/05.htm>>. Acesso em: 28 dez. 2020.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura. 2. Ed. Goiânia, GO.: Cãnone Editorial, 2009.

SOUSA, Ivan Vale de. Monteiro Lobato e o Folclore: Uma análise de O Sítio do Pica Pau Amarelo como comunidade de valorização e vivência das manifestações tradicionais culturais e folclóricas. In: XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE, 2013, Universidade Federal de Santa Catarina. Anais eletrônicos. Florianópolis/SC: [s.n.], 2013. p. 1-10. Disponível em: <http://www.labpac.faed.udesc.br/monteiro%20lobato%20e%20o%20folclore_iv%20v%20de%20s%20s%20s.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2018.

TEIXEIRA, Anísio. *Aspectos americanos de educação.* Salvador: Tip. De São Francisco, 1928. 166p.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação e o mundo moderno.* 2ªed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1977. 245p.

VERA E SILVA, Adriana. Anísio Teixeira: ele rimou ensino com democracia. Nova Escola. São Paulo, v.13, n.114, ago. 1998. p.38-40.